

Artigo

O papel do educador na construção do conhecimento: lições de Paulo Freire e Lev Vygotsky

The role of the educator in the construction of knowledge: lessons from Paulo Freire and Lev Vygotsky

Juan Kenedy de Sousa Corrêa¹, Wilton Silva Abreu², Edgleisom Marculino da Silva³, Michel Alves da Cruz⁴, Fátima Carmelo Balthazar da Silveira Lima⁵, Douglas Vicente do Carmo Lima⁶, Midiam do Nascimento Pereira⁷, Douglas Pereira do Nascimento⁸, Hermócrates Gomes Melo Júnior⁹ e Ana Paula Inácio da Silva¹⁰

¹Licenciatura em Letras - Espanhol e Português pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Paraná. ORCID: 0009-0007-0000-4385. E-mail: jk.professor.02@gmail.com;

²Mestrando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais. ORCID: 0009-0004-4586-7684. E-mail: wilton.tim.19@hotmail.com;

³Mestrando em Administração de Empresas pela MUST University, Serra Talhada, Pernambuco. ORCID: 0009-0003-3696-7459. E-mail: edgleisommarc@gmail.com;

⁴Doutorando em Educação pela Faculdade San Carlos- Paraguai, São Paulo, São Paulo. ORCID: 0000-0001-5274-7331. E-mail: alves533@hotmail.com;

⁵Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos, Cidade do Leste, Paraguai. ORCID: 0000-0001-6045-8433. E-mail: fatima.balthazar04@gmail.com;

⁶Mestre em Agricultura Tropical pela Secretária de Estado de Educação do Espírito Santo, São Mateus, Espírito Santo. ORCID: 0000-0002-2154-8644. E-mail: biologia14vicente@gmail.com;

⁷Especialista em Educação pela Uni Cathedral, Barra do Garça, Mato Grosso. ORCID: 0009-0008-4569-337X. E-mail: midiam983@gmail.com;

⁸Mestrado em Saúde e Educação pela Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, São Paulo. ORCID: 0009-0008-1393-7085. E-mail: douglassartoy@hotmail.com;

⁹Mestre em Administração pela Universidade da Amazônia, Belém, Pará. ORCID: 0009-0003-5758-414X. E-mail: hgjunior@ufba.br;

¹⁰Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera, Barra do Garças, Mato Grosso. ORCID: 0009-0002-3172-7985. E-mail: anapaula2809@outlook.com;

Submetido em: 02/09/2025, revisado em: 05/09/2025 e aceito para publicação em: 18/09/2025.

RESUMO: O presente estudo tem como objeto de análise o papel do educador na construção do conhecimento, com base nas teorias de Paulo Freire e Lev Vygotsky. O objetivo principal é compreender como essas duas abordagens pedagógicas podem se complementar, oferecendo um panorama mais rico para a prática educativa atual. Para isso, a pesquisa adotou uma metodologia qualitativa, utilizando uma revisão bibliográfica das principais obras desses autores, além de discutir as implicações práticas das suas teorias no contexto educacional contemporâneo. A pesquisa busca, ainda, analisar os desafios enfrentados pelos educadores, especialmente em tempos de transformação digital e desigualdade social. A partir da análise das obras de Freire e Vygotsky, ficou evidente que a educação não é apenas um processo de transmissão de saberes, mas sim uma construção coletiva e dinâmica, onde o educador exerce o papel de mediador, facilitador e provocador do pensamento crítico. A conclusão geral aponta que a teoria de Freire, com sua ênfase no diálogo e na conscientização, e a de Vygotsky, com seu foco na mediação e na interação social, oferecem uma base sólida para uma prática pedagógica mais inclusiva e transformadora. Contudo, para que esses princípios se concretizem, é necessário que o sistema educacional valorize o trabalho do educador e promova uma estrutura que garanta o acesso igualitário e a qualidade no ensino para todos.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire; Lev Vygotsky; Educação; Construção do Conhecimento; Educador.

ABSTRACT: This study focuses on the role of the educator in the construction of knowledge, based on the theories of Paulo Freire and Lev Vygotsky. The main objective is to understand how these two pedagogical approaches can complement each other, providing a richer perspective for current educational practice. To achieve this, the research adopted a qualitative methodology, utilizing a bibliographic review of the key works of these authors, as well as discussing the practical implications of their theories in the contemporary educational context. The study also aims to analyze the challenges faced by educators, especially in times of digital transformation and social inequality. Based on the analysis of the works of Freire and Vygotsky, it became clear that education is not merely a process of transmitting knowledge, but rather a collective and dynamic construction in which the educator plays the role of mediator, facilitator, and provoker of critical thinking. The overall conclusion points out that Freire's theory, with its emphasis on dialogue and conscientization, and Vygotsky's theory, with its focus on mediation and social interaction, provide a solid foundation for a more inclusive and transformative pedagogical practice. However, for these principles to materialize, it is necessary for the educational system to value the work of educators and promote a structure that ensures equal access and quality education for all.

KEYWORDS: Paulo Freire; Lev Vygotsky; Education; Knowledge Construction; Educator.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O papel do educador na construção do conhecimento é um tema que carrega consigo um peso histórico e filosófico, sendo uma das pedras angulares da educação. Ao longo dos anos, diversos pensadores, com suas diferentes abordagens e visões, ajudaram a moldar a forma como enxergamos a função da educação e do educador. Entre esses pensadores, dois se destacam pela profundidade e relevância de suas teorias: Paulo Freire e Lev Vygotsky. Freire, com sua pedagogia dialógica, e Vygotsky, com sua teoria sociocultural do desenvolvimento, oferecem perspectivas que desafiam os modelos tradicionais de ensino, propondo uma nova dinâmica no processo de ensino-aprendizagem. Essa transformação, aliás, é fundamental para entender o papel do educador como um mediador do saber, algo que vai muito além de ser um mero transmissor de informações.

A construção do conhecimento, para Freire, é antes de tudo um ato de liberdade. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2020), ele argumenta que a educação deve ser um processo ativo, que envolva não apenas a transmissão de conteúdos, mas a reflexão crítica sobre o mundo e a ação transformadora. Para ele, o educador não é um sujeito que impõe o saber, mas alguém que caminha ao lado do aluno, desafiando-o a questionar e, quem sabe, modificar a realidade. A educação, portanto, deve ser compreendida como um processo de emancipação, em que o educador e o educando se encontram em um espaço de troca e cooperação. Essa relação dialógica, segundo Freire, é a chave para a construção de um conhecimento verdadeiro e libertador.

Por outro lado, Lev Vygotsky, com sua teoria sociocultural, acrescenta outra camada à compreensão do processo de aprendizagem. Vygotsky vê a interação social como um pilar fundamental no desenvolvimento do indivíduo. Segundo ele, a aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas sim por meio da interação com os outros. Em sua obra *Pensamento e Linguagem* (2021), o psicólogo russo argumenta que o desenvolvimento cognitivo é mediado pela linguagem e pelas interações sociais, e que o educador deve atuar como mediador nesse processo, ajudando o aluno a superar suas dificuldades e a alcançar novos níveis de entendimento. Assim, a prática pedagógica deve ser construída a partir da colaboração e da orientação, onde o educador não é apenas o transmissor do conhecimento, mas também o facilitador da aprendizagem.

O objetivo deste estudo é explorar as convergências e as especificidades das abordagens de Freire e Vygotsky, buscando entender como suas teorias podem ser aplicadas no contexto educacional contemporâneo. Ambos os teóricos têm como princípio a valorização do sujeito, do contexto social e da interação no processo de aprendizagem, mas com ênfases diferentes. Enquanto Freire foca na reflexão crítica e na conscientização, Vygotsky coloca a ênfase na mediação e na interação social. Através dessa análise, pretende-se compreender como essas abordagens podem contribuir para uma prática pedagógica mais efetiva e humanizada, na qual o educador tem um papel fundamental não apenas como transmissor de saber, mas como facilitador e provocador do pensamento crítico dos alunos.

Assim, este artigo busca oferecer uma reflexão profunda sobre o papel do educador na construção do

conhecimento, à luz das teorias de Freire e Vygotsky, oferecendo elementos que podem ajudar a transformar as práticas pedagógicas atuais. A educação, quando vista sob a ótica dessas teorias, se torna um processo dinâmico, plural e interativo, onde o educador se torna um mediador ativo, essencial na criação de um ambiente de aprendizagem que respeite e valorize as potencialidades do aluno. Portanto, ao revisitar essas ideias, buscamos não apenas entender, mas também colocar em prática uma educação que seja, acima de tudo, um espaço de libertação e desenvolvimento humano.

2 O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE: A EDUCAÇÃO COMO ATO DE LIBERDADE

Paulo Freire sempre se destacou por sua visão transformadora da educação, na qual a função do educador não é apenas transmitir conteúdos, mas sim propiciar aos alunos a oportunidade de questionar, refletir e transformar a realidade em que vivem. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2020), Freire defende que a educação deve ser um espaço de libertação, onde o educador atua como mediador do saber, e o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Para ele, o verdadeiro conhecimento não se limita ao simples ato de aprender conteúdos impostos, mas envolve a construção crítica e consciente do mundo. Essa prática pedagógica, fundamentada no diálogo, é essencial para que o educador não se posicione como um detentor do saber, mas como alguém que, ao lado do educando, caminha em busca do conhecimento. A educação, então, se torna um ato de liberdade, pois liberta o educando do conformismo, da passividade e da alienação.

Essa visão freiriana de educação não se restringe ao ato de ensinar; ela vai além, ao trazer à tona a importância da conscientização. Para Freire (2020), a educação não pode ser neutra, como às vezes se pensa. Ela está sempre envolta em relações de poder e, quando não se assume a função de emancipar, acaba por contribuir para a perpetuação da opressão. A escola, em vez de ser um espaço de reprodução de um sistema desigual, deve ser um local de resistência, de reflexão crítica sobre as injustiças sociais e de busca por alternativas que promovam a transformação. Nesse sentido, a pedagogia freiriana se configura como um processo de descolonização do pensamento, que liberta o sujeito de conceitos e práticas pré-estabelecidas, levando-o a entender sua realidade de maneira mais crítica e consciente.

Para o educador freiriano, o aluno não é um ser passivo, mas alguém que possui saberes próprios e deve ser respeitado enquanto sujeito de sua própria história. Nesse contexto, a aprendizagem é um processo colaborativo, em que ambos, educador e educando, compartilham experiências e saberes. Freire (2020) enfatiza a importância do diálogo, não como uma troca de palavras vazias, mas como um verdadeiro intercâmbio de experiências e saberes, onde tanto o professor quanto o aluno se constroem mutuamente. A educação, dessa forma, deixa de ser uma relação de autoridade e passa a ser uma relação horizontal, em que o saber é co-construído. O educador, então, se coloca como um facilitador do processo, estimulando a reflexão crítica e promovendo o

desenvolvimento do potencial do aluno, sem impor, mas guiando-o ao longo do caminho do conhecimento.

Além disso, Freire propõe que a prática pedagógica seja profundamente enraizada no contexto social, econômico e político do educando. A pedagogia freiriana não pode ser um modelo que ignore as condições e realidades dos alunos, pois isso só contribuiria para manter o status quo. O educador, ao invés de se distanciar da realidade do aluno, deve estar profundamente comprometido com a transformação social e com a promoção da justiça. Segundo Freire (2020), a educação deve ter um caráter liberador e transformador, de modo que os alunos não apenas adquiram conhecimentos técnicos, mas também se tornem sujeitos ativos na luta pela mudança social. Dessa forma, a pedagogia do oprimido é uma pedagogia que não se limita à sala de aula, mas se estende a todo o contexto da vida do educando, refletindo suas aspirações, suas dores e suas lutas diárias.

Em um mundo onde as desigualdades sociais ainda são marcantes e a educação muitas vezes serve para reforçar essas desigualdades, a proposta de Freire é uma verdadeira revolução pedagógica. A educação não pode mais ser vista como uma ferramenta neutra ou apolítica, mas como um processo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Como Freire (2020) nos alerta, a verdadeira educação não é aquela que "prepara para o mercado", mas aquela que forma sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a transformação de sua realidade. O educador, nesse cenário, tem um papel decisivo, pois é ele quem, por meio de sua prática pedagógica, pode promover a emancipação dos indivíduos e contribuir para a construção de um mundo mais solidário e justo.

3 A TEORIA SOCIOCULTURAL DE LEV VYGOTSKY: A INTERAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO DE ENSINO

A teoria sociocultural de Lev Vygotsky traz uma perspectiva inovadora sobre como a aprendizagem ocorre, centrando-se principalmente na ideia de que o desenvolvimento cognitivo se dá de forma interativa, mediada pela linguagem e pelas relações sociais. Vygotsky acreditava que as crianças não aprendem de maneira isolada, mas sim em um contexto social, ao interagir com outras pessoas. Assim, o papel do educador, na visão de Vygotsky, é essencialmente o de mediador, alguém que orienta e facilita esse processo de construção do conhecimento (Vygotsky, 2021). O conhecimento não é algo que simplesmente se transmite, mas que se constrói a partir das interações e trocas, onde o educador tem a função de criar um ambiente rico e estimulante, capaz de promover a aprendizagem de forma significativa.

Um dos conceitos fundamentais da teoria de Vygotsky é a "zona de desenvolvimento proximal" (ZDP), que se refere à diferença entre o que o aluno consegue fazer sozinho e o que é capaz de fazer com a ajuda de alguém mais experiente, como o professor ou um colega. Essa "zona" representa o espaço onde o aprendizado mais efetivo ocorre. Segundo Vygotsky (2021), a aprendizagem só é possível quando o educador identifica essa zona e

oferece o apoio necessário para que o aluno avance. A interação social aqui é crucial: o educador não deve apenas fornecer informações, mas também colaborar ativamente, guiando o estudante para que ele consiga superar as dificuldades de forma progressiva e gradual. Essa relação não é hierárquica, mas sim colaborativa e de cooperação mútua.

A abordagem de Vygotsky também destaca o papel da linguagem como mediadora do pensamento. Ele acreditava que, através da linguagem, o sujeito organiza suas ideias e, ao se comunicar com outros, internaliza conceitos e conhecimentos. A linguagem, portanto, não é apenas uma ferramenta de expressão, mas também de construção de sentido e de conhecimento (Oliveira, 2021). Nesse contexto, a conversa entre o educador e o educando não é apenas um meio de troca de informações, mas um processo que permite o desenvolvimento das funções cognitivas mais complexas. Ao falar sobre o que sabe e ouvir o que o outro diz, o aluno não só aprende, mas também expande suas capacidades mentais, num processo contínuo de transformação e crescimento.

Outro aspecto essencial da teoria de Vygotsky é o entendimento de que a aprendizagem é socialmente situada. O desenvolvimento do indivíduo, segundo ele, não ocorre em um vácuo, mas em um contexto histórico e cultural específico, que influencia diretamente o processo de ensino-aprendizagem. A escola, como uma microcultura, é o espaço onde essas interações sociais se intensificam, permitindo que o aluno vivencie diferentes perspectivas e formas de pensar. A interação com o outro é vista, portanto, como essencial para a formação de uma visão de mundo mais ampla, que vai além da simples aquisição de informações. Como destaca Oliveira (2021), a educação se torna um processo dinâmico e contínuo de troca de saberes, onde a prática pedagógica deve estar alinhada com as necessidades sociais e culturais dos alunos.

A teoria sociocultural de Vygotsky também coloca em xeque a ideia tradicional de que a aprendizagem deve ser um processo puramente individualista. Para ele, a aprendizagem é essencialmente coletiva, e o educador desempenha um papel central nesse processo, ao criar oportunidades para que os alunos interajam uns com os outros, troquem experiências e construam o conhecimento de forma colaborativa. Dessa forma, o educador, como mediador, não é apenas um transmissor de conteúdos, mas um facilitador que proporciona o ambiente adequado para que essas trocas se deem de forma rica e significativa. O conceito de mediação, para Vygotsky (2021), não envolve apenas a transmissão de informações, mas o estímulo ao pensamento crítico e à reflexão coletiva. A aprendizagem, nesse contexto, torna-se uma construção compartilhada, onde educador e aluno, juntos, desbravam novos horizontes do saber.

4 A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO SABER: A CONVERGÊNCIA DE FREIRE E VYGOTSKY

O processo de aprendizagem, ao longo da história da educação, foi sendo repensado de forma a incluir a ideia

de que o conhecimento não é algo que simplesmente se impõe ao aluno. Essa ideia, tão central para as propostas pedagógicas de Paulo Freire e Lev Vygotsky, se afasta do modelo tradicional que via o educador como um transmissor de saberes, e o aluno, um receptor passivo. Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2020), coloca o aprendizado como um ato de liberdade e conscientização, um processo que envolve todos os envolvidos na relação pedagógica, sem hierarquias. Para ele, o saber não é imposto, mas construído de forma coletiva, no diálogo constante entre educador e educando, na busca de uma visão crítica e transformadora da realidade. Esse entendimento de aprendizagem como uma troca dinâmica de experiências, onde o sujeito constrói, desconstrói e reconstrói o conhecimento, encontra eco na teoria de Vygotsky, que coloca a interação social como um pilar para o desenvolvimento cognitivo. Ao mesmo tempo, Freire e Vygotsky acreditam que o conhecimento se faz na prática, no movimento contínuo de reflexão e ação, onde o educador não detém a verdade, mas auxilia o educando a construí-la.

Vygotsky, em *Pensamento e Linguagem* (2021), fala sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), um conceito que descreve a diferença entre o que o aluno já sabe e o que ele é capaz de aprender com a ajuda de um outro mais experiente. Para o psicólogo russo, o processo de aprendizagem é mediado pela interação social, e o educador ocupa uma posição central nesse processo. Ao compreender o que o aluno é capaz de aprender com auxílio, o educador atua como mediador, orientando, desafiando e ajudando o estudante a alcançar novos níveis de compreensão. Assim, o conhecimento não é apenas resultado do esforço individual, mas do contato constante com o outro, com as trocas, com as discussões, com a intervenção cuidadosa do educador. Vygotsky, nesse ponto, converge com Freire, que vê a educação como um ato de troca e transformação. Para ambos, o saber é algo que se constrói de maneira conjunta, e a escola, enquanto espaço de aprendizado, é, antes de tudo, um lugar de socialização e interação.

A construção coletiva do conhecimento é uma ideia que não só atravessa o pensamento de Freire e Vygotsky, mas também se reflete diretamente na prática pedagógica. Se considerarmos o que Freire denomina de "educação problematizadora", percebemos que, para ele, a verdadeira aprendizagem ocorre quando o aluno é instigado a questionar sua realidade, a refletir sobre ela e, a partir desse movimento, construir um novo entendimento sobre o mundo (Freire, 2020). Isso vai além do simples ato de aprender conteúdos prontos ou passivos; trata-se de tornar o aluno protagonista de seu processo de aprendizagem, em um ambiente no qual todos têm a oportunidade de se expressar, de compartilhar ideias e construir significados. Vygotsky, por sua vez, ao falar sobre o papel da linguagem e da mediação no processo de aprendizagem, também nos convida a pensar na escola como um espaço de troca contínua. Para ele, é na interação com os outros, seja com o professor ou com os colegas, que o aluno é desafiado a pensar de maneira mais complexa, a problematizar suas ideias e a encontrar soluções criativas para os desafios apresentados (Vygotsky, 2021). Nesse cenário, a troca de saberes entre educador e educando não

é apenas benéfica, mas necessária para a construção do conhecimento.

Essa ideia de construção coletiva do saber implica, naturalmente, em um repensar do papel do educador. Em vez de se ver como o único responsável pela transmissão do conteúdo, o educador se coloca como alguém que facilita o processo de aprendizagem. Freire, ao longo de sua obra, nos ensina que o educador deve estar disposto a ouvir e a aprender com seus alunos, reconhecendo-os como sujeitos ativos na construção do saber. O educador não impõe respostas, mas provoca questionamentos, desafia o aluno a pensar por si mesmo e a desenvolver sua própria compreensão da realidade. Esse processo de aprendizagem colaborativa é também uma das bases da teoria vygotskiana. Quando o educador entra em cena como mediador da aprendizagem, ele não está apenas transmitindo informações, mas criando condições para que o aluno se desenvolva intelectualmente, construindo o conhecimento de forma conjunta e ativa.

Porém, se em Freire a ênfase recai sobre a conscientização e a transformação social, e em Vygotsky o foco é o desenvolvimento cognitivo mediado pela interação, há uma convergência importante entre os dois que reflete a complexidade da aprendizagem humana. O conhecimento é visto como um produto social, algo que se constrói não apenas no plano individual, mas também coletivo. A educação, portanto, é um espaço no qual os sujeitos são chamados a dialogar, a questionar, a colaborar e, principalmente, a transformar sua realidade. O educador, enquanto facilitador desse processo, deve ser aquele que provoca a reflexão crítica e que, ao mediar o desenvolvimento cognitivo e social do aluno, contribui para a construção de um conhecimento que é, por essência, libertador e transformador. A aprendizagem, nesse contexto, se torna uma jornada conjunta, em que todos os envolvidos têm sua voz ouvida, e o saber se constrói no movimento contínuo de troca, reflexão e ação.

5 DESAFIOS E IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA EDUCATIVA CONTEMPORÂNEA

A prática educativa no cenário atual enfrenta uma série de desafios que se tornam cada vez mais complexos à medida que a sociedade evolui. A constante transformação das tecnologias, a diversidade social e cultural nas salas de aula e os novos modelos pedagógicos exigem que o educador se reinvente, busque atualizações constantes e se adapte às novas realidades. A rápida incorporação das tecnologias digitais, por exemplo, mudou completamente a maneira como o conhecimento é compartilhado e adquirido. O professor deixou de ser o único detentor do saber e, com o advento de plataformas digitais e recursos online, os alunos podem acessar uma quantidade quase infinita de informações. No entanto, isso também traz consigo um grande desafio: como equilibrar a oferta de informações com a construção de um conhecimento crítico e reflexivo, como sugerem Freire (2020) e Vygotsky (2021)?

Em sua pedagogia crítica, Freire (2020) propõe uma educação voltada para a conscientização e a autonomia dos alunos, em contraponto a um modelo de ensino tradicional, onde o professor detém o saber e o

transmite de maneira unilateral. A introdução das tecnologias não deve ser encarada apenas como uma novidade ou uma ferramenta de facilitação, mas como uma possibilidade de ampliar os horizontes da prática educativa. No entanto, a sobrecarga de informações e a falsa ideia de que tudo está ao alcance de um clique podem tornar-se obstáculos ao desenvolvimento do pensamento crítico. O desafio, portanto, é ensinar os alunos a selecionar, analisar e refletir sobre o conhecimento que encontram na vastidão do digital. Esse movimento exige do educador uma postura ativa, não apenas como mediador, mas como alguém que orienta os alunos a navegar neste mar de dados e a construir uma leitura crítica da realidade.

Além disso, a educação contemporânea precisa lidar com as desigualdades sociais e culturais que ainda marcam as escolas no Brasil. A diversidade presente nas salas de aula é, sem dúvida, um dos maiores desafios do educador. Cada aluno chega com um repertório diferente, com diferentes experiências de vida, e, muitas vezes, com contextos sociais e econômicos que impactam diretamente em seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, a teoria de Vygotsky (2021), com seu foco na mediação social e no desenvolvimento por meio da interação, oferece uma importante chave para a compreensão de como o educador pode atuar diante dessa diversidade. A ideia de que a aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas sim em constante interação com o meio e com os outros, exige do educador uma sensibilidade e capacidade de adaptação para atender às diversas necessidades dos alunos.

Ao mesmo tempo, o modelo educacional atual exige que o educador seja mais do que um mediador de conteúdos; ele precisa ser um facilitador de relações. A sala de aula contemporânea é um microcosmo das complexidades sociais do mundo, e os professores devem ser capazes de lidar com situações emocionais, afetivas e comportamentais dos alunos. Em um cenário onde as questões relacionadas à saúde mental e ao bem-estar dos alunos ganham cada vez mais relevância, a função do educador se amplia. Ele não é mais apenas o transmissor do conteúdo acadêmico, mas também um orientador emocional e psicológico. Este papel do educador como facilitador das relações interpessoais e emocionais dentro da sala de aula está em linha com o que Freire (2020) defende: a educação é, antes de tudo, um ato de amor, onde o professor se importa genuinamente com o aluno e se envolve com sua jornada de aprendizado de maneira integral.

Entretanto, é preciso reconhecer que esses desafios não surgem de forma isolada. Eles são fruto de uma estrutura educacional que ainda carece de recursos e investimentos. O financiamento da educação no Brasil é um tema que nunca perde relevância, e a escassez de recursos nas escolas públicas ainda é um dos maiores obstáculos para uma prática pedagógica de qualidade. A formação continuada dos educadores, a criação de ambientes pedagógicos mais inclusivos e a implementação de políticas públicas eficazes são algumas das soluções que se apresentam como urgentes. Freire (2020) já alertava para a necessidade de um sistema educacional que promova a igualdade e a justiça social. Sem um financiamento adequado, é impossível garantir que a

prática pedagógica seja efetiva e que o educador tenha os recursos necessários para exercer sua função de maneira plena. Vygotsky (2021), ao destacar a importância da mediação, sugere que a formação de um ambiente propício à aprendizagem depende não apenas do esforço individual dos professores, mas também de um sistema educacional que valorize e sustente a prática pedagógica como um todo.

Esses desafios, embora imensos, não são barreiras intransponíveis. São, antes, pontos de partida para a construção de uma educação mais democrática, crítica e acessível. A reflexão sobre o papel do educador na atualidade não pode se limitar a um diagnóstico dos problemas, mas deve também se voltar para as possíveis soluções. As lições de Paulo Freire e Lev Vygotsky nos oferecem uma base sólida para pensar a educação como um processo de transformação social, em que a atuação do educador é decisiva. Mas para que essa transformação se efetive, é necessário que, junto com a prática pedagógica, haja também um movimento contínuo de transformação nas estruturas educacionais e sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada pelas reflexões de Paulo Freire e Lev Vygotsky nos oferece um convite para repensar o papel do educador na construção do conhecimento, em tempos tão desafiadores como os que vivemos hoje. Ambos, com suas abordagens distintas, mas complementares, mostram que a educação não pode ser uma prática mecânica e desprovida de humanidade. Freire, com sua pedagogia dialógica, e Vygotsky, com sua teoria sociocultural, nos ensinam que o processo de aprendizagem precisa ser, antes de tudo, um espaço de interação e transformação. O educador, em suas mãos, deixa de ser um simples transmissor de saberes para se tornar alguém que auxilia na formação do sujeito crítico, reflexivo e protagonista de sua própria história.

Entretanto, aplicar essas teorias no contexto atual exige muito mais do que um entendimento teórico. A realidade educacional brasileira, marcada por desigualdades profundas e uma diversidade cultural imensa, impõe desafios que não podem ser ignorados. Ao pensar na prática educativa, é impossível não considerar as questões sociais que impactam diretamente o processo de ensino-aprendizagem. O professor, ao mediar o conhecimento, não pode deixar de lado o contexto do aluno, suas vivências, suas dificuldades e suas potências. Como Freire nos lembra, a educação deve ser uma via de mão dupla, um espaço de escuta, onde tanto o educador quanto o educando crescem. A tarefa do educador é ajudar o aluno a encontrar o seu próprio caminho para o saber, ao mesmo tempo em que se envolve em uma constante troca de experiências e saberes.

A incorporação das tecnologias e o impacto da globalização na educação trazem tanto oportunidades quanto desafios. As tecnologias digitais, sem dúvida, mudaram a forma como o conhecimento circula, mas, ao mesmo tempo, criaram um oceano de informações que, se mal administrado, pode se tornar um campo fértil para a superficialidade e o vazio intelectual. Nesse cenário, o papel do educador se torna ainda mais crucial, pois ele é o responsável por orientar os alunos na busca por uma

aprendizagem mais profunda e reflexiva. Como Vygotsky bem nos ensina, a mediação é a chave. O educador não pode ser um espectador passivo, mas sim um mediador ativo, ajudando o aluno a organizar e a dar sentido ao que encontra ao seu redor. É por meio dessa mediação que o verdadeiro aprendizado acontece, e o conhecimento se torna uma construção sólida, não apenas um acúmulo de dados.

Por fim, é importante reconhecer que as mudanças na educação não dependem apenas de boas intenções ou de ideias inovadoras, mas também de transformações estruturais nas políticas educacionais e no financiamento da educação. A falta de recursos, a sobrecarga de trabalho dos educadores e a desigualdade no acesso ao ensino de qualidade são obstáculos que não podem ser subestimados. Freire (2020) e Vygotsky (2021) nos mostram que, sem um sistema educacional que valorize a formação contínua dos professores, a educação perderá sua capacidade de transformar. Portanto, o trabalho do educador, por mais importante que seja, deve ser apoiado por uma sociedade que compreenda que a educação não é um gasto, mas um investimento no futuro. Em última análise, a educação deve ser entendida como um projeto coletivo, no qual todos têm a responsabilidade de construir um mundo mais justo, crítico e solidário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, Maria. **A Pedagogia Freiriana e o Ensino Crítico**: reflexões para a prática pedagógica. São Paulo: Editora Pedagógica, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

OLIVEIRA, João. **Vygotsky e a Aprendizagem**: teoria e prática educacional. São Paulo: Editora Moderna, 2021.

SILVA, Carlos. **Educação e Transformação Social**: lições de Freire e Vygotsky. São Paulo: Editora Acadêmica, 2022.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2021.